

Stresse e Criatividade em Artistas. Revisão da Literatura e Proposta de Modelo Teórico

Stress and Creativity in Artists. Revision of Literature and Proposal of Theoretical Model

Saul Neves de Jesus¹

Marta Brás²

Claudia Lenuța Rus³

Psique – ISSN 1647-2284 – N° 7 - Janeiro-Dezembro 2011 – pp. 71-89

Recebido em 7-5-2011; aceite em 30-6-2011

Resumo

Diversas investigações apontam para elevados índices de stresse nos artistas, encontrando-se a incerteza e a avaliação social entre os principais factores predisponentes. A elevada criatividade é também considerada uma característica comum aos artistas.

Neste estudo desenvolvemos uma revisão da literatura de publicações sobre stresse e criatividade nos artistas, em particular aquelas que têm procurado analisar a relação entre estas duas variáveis na produção artística. Verifica-se que a relação não é linear, sendo necessário introduzir variáveis mediadoras.

Nesse sentido, finalizamos com a proposta de um modelo teórico em que procuramos destacar a relevância que pode ter neste processo o reconhecimento público do trabalho realizado pelos artistas.

Palavras-chave: Stresse; Criatividade; Suicídio; Artistas; Revisão da literatura; Modelo Teórico.

Abstract

Several researches indicate high levels of stress on the artists. Uncertainty and social evaluation are some of the main factors. High creativity is also considered a common feature of the artists.

In this paper we review the publications on stress and creativity, namely those about the relationship between these two variables in the arts. Results showed a not linear relationship, and the need for mediating variables.

¹ Universidade do Algarve – Portugal - snjesus@ualg.pt.

² Universidade do Algarve - Portugal.

³ Universidade Babes-Bolyai - Roménia.

Accordingly, we presented a theoretical model in which is proposed the public recognition of work done by artists as an important variable in this process.

Keywords: Stress; Creativity; Suicide; Artists, Literature review, Theoretical model.

Introdução

É quase senso comum que os níveis de stresse da população têm vindo a aumentar nos últimos anos (Serra, 2007).

As situações de stresse ocorrem quando o sujeito avalia as exigências que sobre ele são colocadas como maiores do que os seus recursos para responder de forma adequada, eficaz ou competente (Lazarus & Folkman, 1984). Assim, a pressão exercida pela exigência provoca uma tensão proporcional no sujeito. Os stressores podem ser definidos como as condições que requerem uma resposta adaptativa (LePine, Posakoff & LePine, 2005).

Em muitas situações, são factores ligados à profissão exercida que influenciam estes elevados níveis de stresse actualmente verificados (Barling, Kelloway & Frone, 2005; Cooper, Dewe & O’Driscoll, 2001; Ravicz, 1998).

Diversas investigações têm permitido verificar que o risco de sintomas de stresse é superior nos artistas (Marchant-Haycox & Wilson, 1992). Na actividade artística há factores de stresse específicos, como sejam o trabalho incerto, horário de trabalho irregular e instabilidade profissional. Alguns factores referem-se à actividade em si mesma e podem variar consoante a actividade artística desempenhada. Por exemplo, os músicos, os dançarinos e os actores têm o stresse associado aos momentos da actuação (Fehm & Schmidt, 2006; Langendorfer, Hodapp, Kreutz & Bongard, 2006), que os escritores ou artistas plásticos não têm. Mas todos eles estão sujeitos à avaliação ou reconhecimento do público, o que constitui um importante factor de stresse adicional, podendo ter impacto na saúde mental dos artistas, sobretudo se estes apresentarem crenças irracionais, como sejam avaliações auto-derrotistas ou excesso de perfeccionismo.

De acordo com Schildkraut, o stresse dos artistas é causado por: “first, the subjective criteria for judging the merit of art, influenced (particularly today) by the whims of fashion, and, second, the virtual absence of the usual rewards, financial or otherwise” (1994, p. 28).

Tal como apresentam um nível mais elevado de stresse, também parece que os artistas apresentam uma maior incidência de doenças do foro mental.

Através da análise, num período de 30 anos, de 1005 biografias publicadas no “New York Times Book Reviewer”, Ludwig (1992) verificou que aqueles que eram artistas profissionais, em arte visual, arquitectura, música, teatro, escrita ou poesia, apresentavam mais psicopatologia e tinham sido submetidos mais vezes a psicoterapia, do que os restantes sujeitos.

Inclusivamente, diversas investigações salientam o risco mais elevado de perturbações depressivas (Kaufman & Sexton, 2006) e de suicídio nos artistas do que noutros grupos profissionais (Andersen, Hawgood, Klive, Kolves, & De Leo, 2010).

Stack (1996) chegou a verificar um risco de suicídio 270% maior nos artistas do que nos não artistas, embora esta percentagem diminuísse para 125% quando se controlavam as variáveis sociodemográficas, em particular o género, concluindo: “there are work-related stress factors that may place artists at risk of suicide as an occupational group” (p. 374).

Entre os artistas parece haver algumas diferenças, pois o risco parece ser maior naqueles que se dedicam à arte escrita ou visual do que à arte musical, segundo Preti, De Biasi e Miotto (2001) ao analisarem a prevalência de suicídios numa amostra de 4564 artistas (poetas, escritores, pintores, escultores e músicos) que faleceram nos séculos XIX e XX.

No mesmo sentido parecem ir os resultados obtidos por Kaufman (2003), ao analisar 1987 escritores falecidos, de várias culturas (Europa, Estados Unidos da América e China), pois verificou que os poetas são aqueles que apresentam um tempo de vida mais reduzido, concluindo: “poets die young” (p.813).

São vários os casos conhecidos de escritores e poetas famosos que se suicidaram, mas com consciência do estado psicológico em que se encontravam. Por exemplo, Virginia Woolf, famosa escritora inglesa, suicidou-se antes dos 60 anos de idade, atirando-se ao rio com pedras nos bolsos, tendo deixado um bilhete ao marido em que escreveu: “*Querido, tenho a certeza de estar a ficar louca novamente. Sinto que não conseguiremos passar por novos tempos difíceis. E não quero revivê-los. Começo a escutar vozes e não consigo concentrar-me. Portanto, estou a fazer o que me parece ser o melhor fazer (...) Você vê, não consigo sequer escrever. Nem ler. (...) Não posso atrapalhar a sua vida. Não mais. Não acredito que duas pessoas poderiam ter sido tão felizes quanto nós fomos*”. Virginia Woolf não conseguia criar quando estava deprimida, mas era muito produtiva quando recuperava, sendo a sua doença uma importante fonte de conteúdo para o que escrevia (Figuroa, 2005).

Como poetas portugueses que se suicidaram temos os casos de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, ambos traduzindo nos seus poemas dispersões de identidade (Jesus, 2007). No caso de Mário de Sá-Carneiro, destacamos o poema, cantado por Adriana Calcanhoto, em que refere: “*Eu não sou eu, nem sou o outro; Sou qualquer coisa de intermédio*”. Este poema escrito em 1914, poderá ter estado, segundo alguns autores (Abreu, 1991), na base dos heterónimos criados por Fernando Pessoa. Por seu turno, a dispersão da identidade deste último encontra-se, por exemplo, no seguinte verso: “*Tenho mais almas que uma. Há mais eus que eu mesmo*” (Pascoal, 1992).

A arte é utilizada cada vez mais como terapia para sujeitos com perturbações mentais (Brown, 2000; Daley, 1984), mas os exemplos anteriores revelam que a arte pode ser também utilizada como forma de expressão que permite estabelecer um diagnóstico. Aliás, muitos testes projectivos utilizados em Psicologia partem deste pressuposto. São, por exemplo, os casos do “desenho da família”, do “desenho da árvore” e do famoso “Roschard” (Exner, 2007).

Mas, para além da arte visual, também a arte escrita pode ser uma forma de obtenção de informação relevante para compreender o sujeito e o seu desenvolvimento.

Num estudo anterior que realizámos (Jesus, 2007), verificámos que a poesia pode permitir expressar a situação psicológica em que o sujeito se encontra num determinado momento. Assim, solicitámos a uma jovem de 17 anos que havia cometido uma tentativa de suicídio e que estava a iniciar um processo psicoterapêutico, para escrever um poema sobre o tema “Eu”: “(...) *Eu que durmo lentamente, esperando a morte, que nunca mais vem (...)*”. Passados alguns meses, quando se estava a concluir o processo psicoterapêutico, solicitámos à mesma jovem para escrever novamente um poema sobre o mesmo tema. Nessa altura, escreveu o seguinte: “(...) *Eu lutarei por mim, lutarei por ti, e por aqueles que sofrem como eu (...)*”. As diferenças nestas narrativas são evidentes, encontrando-se expressos na poesia os conteúdos da vida mental da jovem em cada um dos momentos.

Os exemplos referidos permitem constatar a relação paradoxal da arte, em termos de produção artística, com o stresse, a psicopatologia e até mesmo o suicídio. Se, por um lado, parece ser muito elevada em artistas a prevalência destas situações que podem traduzir crises psicológicas, também, por outro lado, se verifica que a arte pode constituir um instrumento para ultrapassar ou superar estas situações de crise.

Tal como há investigações que têm verificado que os artistas apresentam níveis mais elevados de stresse, doenças mentais e suicídio, também se tem verificado que os artistas são dos grupos profissionais mais criativos (Monreal, 2000).

A criatividade pode ser considerada um fenómeno em que a pessoa cria algo de novo (um produto ou uma solução) que tem algum tipo de valor ou utilidade (Amabile, 1996; Morais, 2001). Têm sido verificadas várias características idênticas entre os sujeitos criativos, como sejam a originalidade e a curiosidade (Davis, 1992; Eysenck, 1995).

Recentemente, Nelson e Rawlings (2010) verificaram que os artistas apresentam um maior nível de criatividade, mas também de psicopatologia, como sejam situações de esquizofrenia, distúrbio bipolar afectivo e neuroticismo, mas também de criatividade.

Há evidências empíricas, mas também biográficas, de que os sujeitos mais criativos são também aqueles mais susceptíveis de apresentar problemas de saúde mental (Papworth & James, 2003), em particular ansiedade e stresse (Feist, 1998; Sternberg, 1988).

Numa investigação realizada por Papworth, Jordan, Backhouse, Evans, Kent-Lemon, Morais e Winchester (2008) verificou-se que os estudantes de arte são mais criativos, mas simultaneamente apresentam maiores níveis de distorção da realidade, do que os estudantes de ciência.

As pessoas criativas, como é o caso dos artistas, parecem ter uma predisposição para a doença bipolar afectiva, depressão e suicídio (Kaufman & Sexton, 2006; Rihmer, Gonda & Rihmer, 2006). Com uma amostra de 55474 sujeitos, Voracek (2006) verificou que a criatividade e o suicídio estão significativamente relacionados.

Face aos resultados obtidos nestas investigações, uma questão de fundo que podemos colocar, é se o risco de doenças mentais nos artistas é por serem artistas ou é por serem criativos?

A análise de outros grupos que apresentam elevada criatividade, como é o caso dos cientistas, pode ajudar a clarificar esta questão.

Diversas investigações têm permitido identificar algumas características que distinguem os artistas da população em geral, mas que também são obtidas nos cientistas, em particular a elevada criatividade (Drevdahl & Cattell, 1956). Einstein chegou mesmo a referir que “a imaginação é mais importante do que o conhecimento”, aproximando as características dos cientistas às dos artistas (Araújo-Jorge, 2004).

Há diversos sujeitos criativos na história da arte, mas também da ciência, em que foram identificados problemas de saúde mental. Monreal (2000) apresenta uma lista exaustiva de nomes da história da arte (visual, escrita ou musical) e da ciência que parecem ter sofrido de perturbações mentais: Copérnico, Newton, Pascal, Descartes, Kant, Rousseau, Kafka, Hemingway, Leonardo da Vinci, Goya, Rembrandt, Goethe, Rafael, Van Gogh, Modigliani, Pollock, Rothko, Schumann, Chopin, Chaikovski, Rossini, Beethoven, Schubert e Wagner.

No passado longínquo, os estudos da ciência e da arte eram indissociáveis, sendo os cientistas simultaneamente artistas e vice-versa, como foi o caso de Leonardo da Vinci.

Diversos vencedores do Prémio Nobel, como foram Ramon-y-Cajal e Konrad Lorenz, acreditavam que a procura da beleza e o exercício da criatividade e da descoberta unificam a arte e a ciência.

A proximidade entre a ciência e a arte na actualidade é revelada também pelo facto de muitos cientistas serem simultaneamente artistas. Em particular, Root-Bernstein (1987) enumerou 73 cientistas reconhecidos que também eram artistas, nos mais diversos domínios da arte (visual, escrita ou musical). De entre estes nomes, que também foram vencedores do Prémio Nobel em Medicina e Fisiologia, temos: Georg von Békésy, na música, Salvadore Luria, na pintura, e Archibald Hill, na poesia. Segundo Root-Bernstein (1987), há uma “imaginação criativa universal”, pelo que aprender a pensar criativamente numa área, pode permitir compreender o pensamento criativo em todas as outras.

Esta perspectiva encontra apoio na Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (2000), ao considerar que somos todos inteligentes e criativos, embora de forma diferente. Segundo esta teoria, a inteligência é considerada como a capacidade para resolver problemas e projectar algo útil num dado contexto cultural, distinguindo-se entre oito tipos de inteligência, as quais se encontram presentes em todos os sujeitos, só que com dominâncias diferentes.

Os processos criativos utilizados por artistas são muitas vezes idênticos aos utilizados pelos cientistas. Por exemplo, há artistas que utilizam o período de sono, incluindo o sonho, para criar, pois têm “acordares criativos” com a ideia daquilo que pretendem produzir. Em particular, nos surrealistas há muitos casos de pintores que pintam inclusivamente aquilo de que se lembram dos seus sonhos, verificando-se inclusivamente uma influência da psicanálise no que diz respeito à importância da “interpretação dos sonhos” (Freud, 1971). Como manifestação desta influência, Dalí tem uma pintura intitu-

lada “Sonho” (1944) e outra intitulada “Retrato de Freud” (1937). Mas não são só os artistas visuais que utilizam o período de sono para desenvolver acordares criativos. Também os escritores, sobretudo os poetas, o fazem, chegando alguns a dormir com um caderno e uma caneta ao lado da cama para escreverem notas ou fazerem esboços com as ideias que têm quando acordam. Este processo é também utilizado por muitos investigadores e cientistas, sendo conhecidos os casos de Hadamard e de Poincaré, no âmbito da invenção matemática, e de Kekulé, na Química, ao descobrir a fórmula estrutural do benzeno, após sonhar com uma cobra que mordida a própria cauda (Jesus, 1988).

Tal como têm sido identificadas semelhanças nos processos criativos entre artistas e cientistas, também têm sido observados problemas de saúde mental em cientistas, da mesma forma que se têm verificado com os artistas (Monreal, 2000), pelo que não nos parece ter sentido atribuir, de forma directa e linear, perturbações emocionais ou doenças do foro mental aos artistas.

Relações entre o stresse e a criatividade: Revisão da literatura

As relações entre o stresse e a criatividade nos artistas têm sido evidenciadas desde há bastante tempo, chegando inclusivamente Wolf (2010) a estabelecer esta relação pelo facto de os artistas, no século XIX, consumirem muito álcool e ópio para estimular a criatividade e para diminuir o stresse.

Quisemos fazer uma análise mais sistemática dos estudos que relacionam o stresse e a criatividade em artistas.

Uma pesquisa realizada na base de dados *Web of knowledge*, no final de Março de 2011, permitiu verificar a existência de apenas um artigo a partir do cruzamento das palavras-chave *Stress*, *Creativity* e *Artist*. O cruzamento de duas de cada uma destas palavras permitiu verificar que é reduzido o número de estudos realizados sobre as relações entre estas variáveis, em particular se analisarmos aqueles especificamente realizados no âmbito das Artes e também no âmbito da Psicologia, embora seja nesta área científica que mais estudos têm sido desenvolvidos (ver Quadro 1).

Quadro 1: Referências encontradas a partir do cruzamento das palavras-chave em estudo

Palavras-chave	Nº de referências	Em Psicologia	Em Artes
Stress x Artist	49	11	8
Creativity x Artist	268	126	67
Stress x Creativity	262	155	4

Assim sendo, procurámos analisar outras bases de dados: *Academic Search Premier (Ebsco)*, *PsychInfo (Ebsco)* e *Medline (Ebsco)*, para além da *Web of Science® (Isi Web of Knowledge)*.

Nesta análise cruzámos as palavras-chave *Stress* (ou conceitos próximos: *Pressure* e *Threat*), *Creativity* (ou conceitos próximos: *Creative* e *Inovation*) e *Artist*. Esta busca permitiu obter 67 referências, embora o cruzamento específico de *Stress*, *Creativity* e *Artist* permitisse obter apenas 36 referências.

A análise das referências obtidas pelos autores permitiu verificar que apenas 9 artigos têm interesse no âmbito do presente estudo (ver Quadro 2). Estes artigos encontram-se assinalados com * nas referências bibliográficas. Tivemos em conta apenas os estudos em que artistas foram objecto de análise e não aqueles em que é abordada a produção artística de crianças ou de outros grupos sujeitos a estudos experimentais.

Quadro 2: Síntese das principais características dos estudos seleccionados

Publicação	Tipo de estudo	Amostra de artistas	Metodologia	Principais conclusões
Barker (2006)	Reflexão teórica	-	Análise da literatura	A criatividade pode ajudar a prevenir e a resolver situações de stresse dos artistas
Bower (1989)	Estudo de caso	1 (Beethoven)	Análise das cartas escritas por Beethoven	Entre os 45 e os 50 anos, Beethoven teve um período de elevado stresse, provocando uma diminuição da sua criatividade
Holm-Hadulla, Roussel & Hofmann (2010)	Estudo de caso	1 (Goethe)	Análise de trabalhos de Goethe e de literatura sobre este	Goethe tinha vida com elevado stresse, pois era político, poeta e cientista. Apresentava maior produtividade poética nos períodos de menor produtividade política e científica
Kohanyi (2005)	Qualitativo	12 escritores e 10 jornalistas	Entrevista individual	Os escritores criativos recordam o ambiente familiar de desenvolvimento como mais stressante do que os jornalistas
Monroe (1978)	Estudo de caso	1 (Van Gogh)	Análise das cartas escritas por Van Gogh	Van Gogh foi sujeito a situações contínuas de stresse, mas a sua persistência levou-o a não diminuir a produção criativa
Nelson & Rawlings (2010)	Quantitativo	100 artistas	Escalas do tipo likert	Os artistas apresentam níveis de stresse e de criatividade superiores ao verificado com a população em geral
Schildkraut (1994)	Reflexão teórica	-	Análise da literatura	Há uma relação entre o stresse e a criatividade nos artistas

Stephoe (1998)	Estudo de caso	1 (Mozart)	Análise da literatura sobre Mozart	Mozart enfrentou períodos de elevado stresse, mas revelou elevada resiliência e criatividade a ultrapassar dificuldades
Wolf (2010)	Reflexão teórica	-	Análise da literatura	O álcool e o ópio foram utilizados no século XIX pelos artistas para estimular a criatividade e aliviar o stresse

Verifica-se que apenas um reduzido número de estudos foram publicados sobre o tema em análise. Destes encontramos sobretudo reflexões teóricas ou estudos de caso, feitos com base na análise de documentos específicos escrito pelo ou sobre o artista analisado, o que traduz a necessidade da realização de estudos empíricos em que as amostras sejam constituídas por artistas. Em todo o caso, o balanço das reflexões apresentadas nestes trabalhos pelos seus autores aponta para uma relação entre o stresse e a criatividade nos artistas, embora esta não tenha sido estudada empiricamente.

Não obstante não terem sido realizadas investigações em que os participantes fossem artistas, sobre as relações entre criatividade e saúde mental há dois tipos de posições por parte dos autores: os que consideram existir uma relação entre a criatividade e os problemas de saúde mental (Holden, 1987); e outros que salientam a importância da criatividade para uma melhor saúde mental (Maslow, 1968; Vigotski, 1972), podendo ajudar o sujeito a lidar com a depressão e com os factores de stresse (Barker, 2006).

É importante conhecer as relações que se estabelecem entre o stresse e a criatividade artística, para compreender se os stressores aumentam esta criatividade, estimulando-a para uma maior produtividade nas tarefas artísticas, ou se, ao contrário, os stressores diminuem a criatividade artística, inibindo-a ou constituindo obstáculo para a produção artística. De acordo com Byron, Khazanchi e Nazarian (2010), os stressores podem diminuir o desempenho e o pensamento criativo porque os recursos cognitivos podem ser focados em stressores, problemas ou dificuldades do presente, não estando disponíveis para tarefas criativas. Ao contrário, os stressores podem aumentar a criatividade ao fornecerem a estimulação cognitiva e a activação motivacional necessária para o desempenho e pensamento criativo.

Diversos estudos em que os participantes não eram artistas identificaram uma relação negativa entre stresse e criatividade (Amabile, Goldfarb & Brackfield, 1990; Elsback & Hargadon, 2006; Van Dyne, Jehn, & Cumings, 2001), enquanto outros encontraram uma relação positiva (Baer, 1998; Coelho, Augusto, & Lages, 2011). Há ainda estudos que verificaram uma relação curvilínea entre as duas variáveis, stresse e criatividade (Baer & Oldham, 2006; Landon & Suedfeld, 1972). Neste caso, os stressores podem aumentar o desempenho criativo, mas apenas até um nível moderado de activação, porque depois podem ter uma influência cognitiva e comportamental negativa e provocar uma diminuição do desempenho (ver Figura 1).

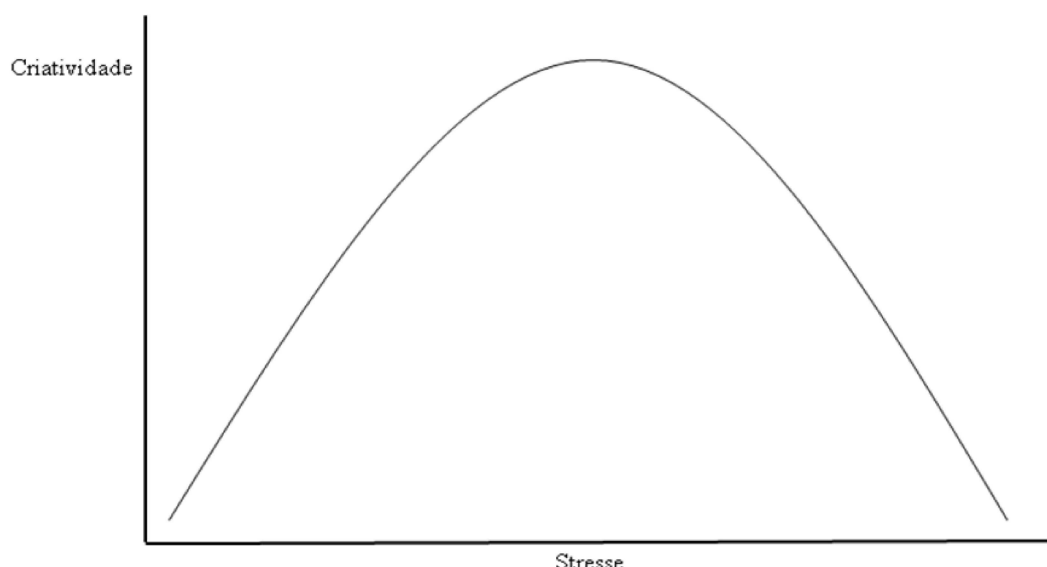


Figura 1: Modelo curvilíneo das relações entre o stress e a criatividade

O modelo teórico de Prentky (1989) explica que todos os sujeitos têm uma regulação da sensibilidade sensorial para um processamento mais eficiente da informação. Esta regulação protege o sujeito de desordens mentais, mas também diminui a possibilidade de uma elevada criatividade. Esta última aumenta face ao stress do sujeito, permitindo-lhe lidar com os stressores, mas pode ser atingido um nível em que se “quebra” o nível óptimo de funcionamento da criatividade, podendo o sujeito desenvolver problemas de saúde mental.

Não é apenas a intensidade do stressor que pode influenciar a criatividade, mas também o tipo de situação de stress. Os estudos distinguem entre a ameaça da avaliação social, que ocorre quando o sujeito é ou pode ser negativamente avaliado por outros, da ameaça das situações incontrolláveis, quando o sujeito acredita que os resultados não dependem do seu comportamento ou esforço (Dickerson & Kemeny, 2004).

Até 2010, apenas tinha sido realizada uma meta-análise sobre as relações entre o stress e a criatividade (Byron, Khazanchi & Nazarian, 2010). Os resultados desta meta-análise não foram significativos sobre a influência directa dos stressores sobre a criatividade, mas sugeriram que os stressores de baixa intensidade podem aumentar a criatividade, enquanto os stressores de elevada intensidade podem provocar diminuição da criatividade, isto é, o stress tem uma relação curvilínea com o desempenho criativo (uma curva na forma de U invertido).

No entanto, apenas algumas das tarefas realizadas pelos participantes nos estudos considerados nesta meta-análise eram artísticas e não foi utilizada nenhuma amostra de artistas. Além disso, os autores sugeriam que, em futuras investigações, deveriam ser analisados os moderadores entre o stress e a criatividade.

Uma meta-análise das relações entre stress e criatividade na produção artística poderia ajudar a clarificar o debate teórico e empírico sobre este assunto, bem como determinar quando é que os stressores podem aumentar ou diminuir a criatividade.

Nesse sentido, realizámos uma meta-análise em que procurámos sumarizar as investigações anteriores realizadas sobre as relações entre o stresse e a criatividade na produção artística (Jesus & Rus, 2011). Nesta meta-análise foram incluídos os 24 estudos experimentais que tinham avaliado, até ao momento, a influência dos stressores nos resultados obtidos na produção artística, num total de 30 amostras independentes, em que participaram 2315 sujeitos. Os resultados revelam que não há um efeito directo, positivo ou negativo, dos stressores sobre a criatividade na produção artística. Também a relação curvilínea entre estes dois conceitos não se revelou significativa, sendo o efeito do stresse sobre a criatividade moderado por outras variáveis.

Verificou-se que os stressores de menor intensidade têm uma influência positiva na criatividade relacionada com a produção artística, pelo que, aqueles que não têm ameaça da avaliação social e não são incontroláveis, podem ser percebidos como um estímulo para o desempenho criativo na arte. Neste sentido, como implicação prática destes resultados, as actividades que pretendem aumentar a criatividade na produção artística devem ser apresentadas sem enfatizar a componente de ameaça da avaliação social ou o receio de incontrolabilidade dessas actividades. As situações incontroláveis têm um impacto negativo na necessidade de autonomia e competência, podendo diminuir a motivação intrínseca no desempenho de actividades artísticas pelo sujeito (Jesus & Rus, 2011).

Modelo teórico das relações entre stresse e criatividade

Embora muitos estudos apontem para índices mais elevados de stresse, doenças mentais e até suicídio entre artistas, também há investigações em que não se verificam diferenças entre os artistas e a população em geral.

Alguns estudos realizados em diversos países não verificaram que a mortalidade por suicídio em artistas fosse superior à verificada noutros profissionais, nos Estados Unidos da América (Kposowa, 1999), em Inglaterra e País de Gales (Meltzer, Griffiths, Brock, Rooney & Jenkins, 2008) e em França (Cohidon, Santin, Geoffroy-Perez, & Imbernon, 2010).

Drevdahl e Cattell (1956) tinham verificado que os artistas eram menos ciclotímicos do que a população em geral. No entanto, ao contrário, actualmente considera-se que os artistas são mais ciclotímicos do que a população em geral (Rihmer, Gonda, & Rihmer, 2006), traduzindo que não tem sentido atribuírem-se características de personalidade de forma estanque aos artistas, como se ser artista fosse causa directa de problemas ao nível da saúde mental.

Neste sentido, consideramos essencial referir que os artistas não têm necessariamente que apresentar maiores níveis de psicopatologia, em particular depressão, como se fosse esta a responsável pela criatividade destes. Orwoll (1997) seleccionou 64 artistas visuais cujas biografias tinham sido publicadas no livro “Who’s Who in American Art”, tendo verificado que os artistas não diferiam nas medidas de saúde mental e de bem-estar, comparativamente aos outros sujeitos.

Os artistas são constantemente estereotipados como sendo muito emocionais (Runco & Bahleda, 1986; Sternberg, 1985), mas pode acontecer que tenham sido os sujeitos já mais ansiosos e deprimidos no seu passado que escolheram profissões ligadas à arte (Rothenberg, 1990; Byron & Khazanchi, 2011). A este propósito, Kohányi (2005) verificou que os escritores criativos recordam o seu ambiente familiar de desenvolvimento como stressante, enquanto os escritores jornalistas recordam um ambiente de desenvolvimento não stressante.

Talvez o “mal ajustamento” das pessoas criativas possa ser descrito como o “divino descontentamento”, como referia Mathew Arnold (cit. em Monreal, 2000). Isto é, parece haver uma insatisfação e exigência constante por parte dos artistas que poderá traduzir-se num stress positivo (eustress) e ser potencializadora da sua própria criatividade e produção artística.

Outro estereótipo frequente em relação aos artistas é de que a arte e a criatividade já nascem com as pessoas.

Em geral, as diferenças entre as pessoas criativas do mesmo grupo profissional são menores do que entre as pessoas criativas de diferentes grupos profissionais, traduzindo a influência do meio ambiente, neste caso a profissão, como responsável pelas oportunidades para o desenvolvimento da criatividade (Monreal, 2000).

As investigações, inclusivamente com sobredotados, revelam que a criatividade tem que ser desenvolvida, fornecendo o meio as oportunidades para tal, mas sendo necessário o sujeito empenhar-se e treinar para promover esse desenvolvimento.

Numa investigação realizada com sobredotados, em que participaram mais de 100 sujeitos considerados excelentes em várias áreas (música, arte, ciência, desporto, etc), com reconhecimento internacional antes dos 35 anos, Bloom (1985) verificou que apresentavam as seguintes características em comum: qualidades ou competências identificadas precocemente e desenvolvimento de projectos de vida relacionados com essas qualidades, bem como a persistência no treino das mesmas. A principal conclusão deste estudo foi que os factores ambientais e educativos são mais importantes que os genéticos, sendo essencial criar condições ou oportunidades para a motivação e para o desenvolvimento dessas competências. Já Edison dizia que “o génio é 1% inspiração e 99% transpiração”, traduzindo a importância da motivação e do esforço para a produção criativa.

Numa outra meta-análise que realizámos (Jesus, Rus, Lens & Imaginário, 2011), sobre as relações entre a motivação e a criatividade, em que foram analisados 15 estudos que incluíam 27 amostras independentes e 6435 participantes, verificámos que a produção criativa está significativamente relacionada com a motivação intrínseca, pelo que é importante estimular a percepção de autonomia e de competência dos sujeitos nas tarefas que realizam para que se revelem mais criativos. Neste sentido, aumentar o reconhecimento social da produção de um artista pode contribuir para uma maior motivação para criar da parte deste.

No que respeita aos estudos realizados sobre a influência dos stressores sobre a criatividade na produção artística, os resultados não têm sido conclusivos, apontando

para a existência de variáveis mediadoras. Entre estas, podemos distinguir as variáveis individuais das variáveis situacionais.

As diferenças individuais podem afectar a forma como os sujeitos percebem e reagem aos stressores (Lazarus & Folkman, 1984; Runco, 2007). Por exemplo, sujeitos com elevada ansiedade tendem a experienciar mais sintomas fisiológicos de stresse na resposta a stressores (Pearson & Thackray, 1970), apresentam uma reactividade mais elevada a stressores (Byron & Khazanchi, 2011) e tendem a apresentar uma menor criatividade na resposta a uma situação stressante (Shaham, Singer, & Schaeffer, 1992).

Além disso, aspectos situacionais podem moderar o efeito dos stressores na criatividade. Por exemplo, em contexto organizacional, Baer e Oldham (2006) verificaram que o suporte ou reconhecimento social por parte dos supervisores pode moderar a relação curvilínea entre o stresse e a criatividade dos colaboradores.

A própria arte-terapia permite a realização do sujeito pela produção artística em si mesma e também pelo reconhecimento que ocorre da parte dos outros.

A importância do reconhecimento e do apoio social ou emocional para prevenir o stresse do sujeito tem sido destacada por diversos investigadores, havendo inclusivamente instrumentos de avaliação do stresse que integram esta dimensão. É o caso da escala de stresse no trabalho, que inclui uma dimensão de “apoio social” (Alves, Chor, Faerstein, Lopes & Werneck, 2004), e o 23 QVS - Questionário de Vulnerabilidade ao Stresse, que integra uma subescala de “carência de apoio social” (Serra, 1997).

Várias investigações verificaram a importância da realização do sujeito e do reconhecimento pelos outros como uma dimensão protectora para prevenir a depressão nos sujeitos criativos. Por exemplo, Holm-Hadulla, Roussel e Hofmann (2010) analisaram Goethe, nas suas várias facetas (poeta, cientista e político). Concluíram que o seu humor depressivo estava associado a uma eminente criatividade poética. No entanto, nos períodos de elevada produtividade científica e política parecia estar protegido de episódios depressivos e apresentava elevado bem-estar, embora com falta de inspiração poética.

Por seu turno, Mozart apresentava períodos de muita dificuldade, frustração e tristeza, mas a sua capacidade de resiliência, associada ao reconhecimento e valorização social do seu trabalho, permitiram-lhe ultrapassar essas dificuldades (Steptoe, 1998).

A análise do trabalho realizado e das cartas escritas por Beethoven revelam um período mais stressante na sua vida, entre os 45 e os 50 anos, caracterizado por baixa criatividade e frequentes situações de stresse, as quais muitas vezes se encontravam no limiar da psicopatologia (Bower, 1989).

Outro artista que também foi desde logo reconhecido em vida como um “génio” da pintura e doutras artes visuais foi Dalí, que também apresentava sintomas e comportamentos categorizados como característicos de perturbação mental, tendo escrito no seu diário, com 16 anos: “I’ll be a genius, and the world will admire me. Perhaps I’ll be despised and misunderstood, but I’ll be a genius, a Great genius” (Barnes, 2009, p. 8).

Não obstante as perturbações apresentadas por todos estes artistas, Goethe, Mozart, Beethoven e Dalí, o reconhecimento pelo seu trabalho permitiu-lhes continuar a criar e a produzir, alternando os períodos mais difíceis com períodos de auto-realização e elevada produção artística criativa.

Também Van Gogh escreveu mais de 700 cartas, sobretudo ao seu irmão. Pela análise de conteúdo, as cartas sugerem que os seus episódios de psicose interferiram com a sua criatividade. Segundo Monroe (1978), Van Gogh apresentou uma produção artística que traduzia uma combinação de criatividade e persistência, associada a stresse constante e abuso de absinto. Ao contrário dos anteriores, Van Gogh pintou várias centenas de quadros, mas apenas vendeu um único quadro em vida, sendo internado num hospital psiquiátrico nos últimos tempos da sua vida e tendo-se suicidado aos 37 anos de idade.

Os exemplos indicados ilustram a importância do reconhecimento social da produção artística realizada, podendo marcar a fronteira entre o “génio” e o “louco”.

Assim, podemos perguntar o que seria de Van Gogh se tivesse obtido reconhecimento logo em vida e o que faria Dalí se não tivesse obtido logo esse reconhecimento?

Tendo em conta a importância do reconhecimento público do trabalho realizado pelos artistas para a sua realização profissional, bem-estar e saúde mental, propomos um modelo teórico das relações entre stresse e criatividade (ver Figura 2).

A importância do reconhecimento pelos outros, do suporte social e profissional, do incentivo e do elogio para a realização do sujeito tinha já sido anteriormente destacada numa outra investigação em que formulámos e testámos empiricamente um modelo teórico integrativo de variáveis cognitivo-motivacionais (Jesus & Lens, 2005). As teorias cujos contributos complementares procurámos integrar nesse modelo foram a teoria da auto-eficácia de Bandura (1977), a teoria da aprendizagem social de Rotter (1982), a teoria da atribuição causal de Weiner (1986), a teoria relacional de Nuttin (1984) e a teoria da motivação intrínseca de Deci (1975). Esta última teoria tem particular relevância sobretudo no que diz respeito à percepção de competência pessoal pelo sujeito nas tarefas que realiza (Deci & Ryan, 1991) e, mais recentemente, através da teoria do “fluxo” de Csikszentmihalyi (1996).

Em relação ao modelo que agora apresentamos, tem em conta não apenas as implicações negativas que podem decorrer de um inadequado funcionamento das variáveis do modelo, mas também as implicações positivas que decorrem de um adequado funcionamento, pelo que se enquadra na perspectiva da Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

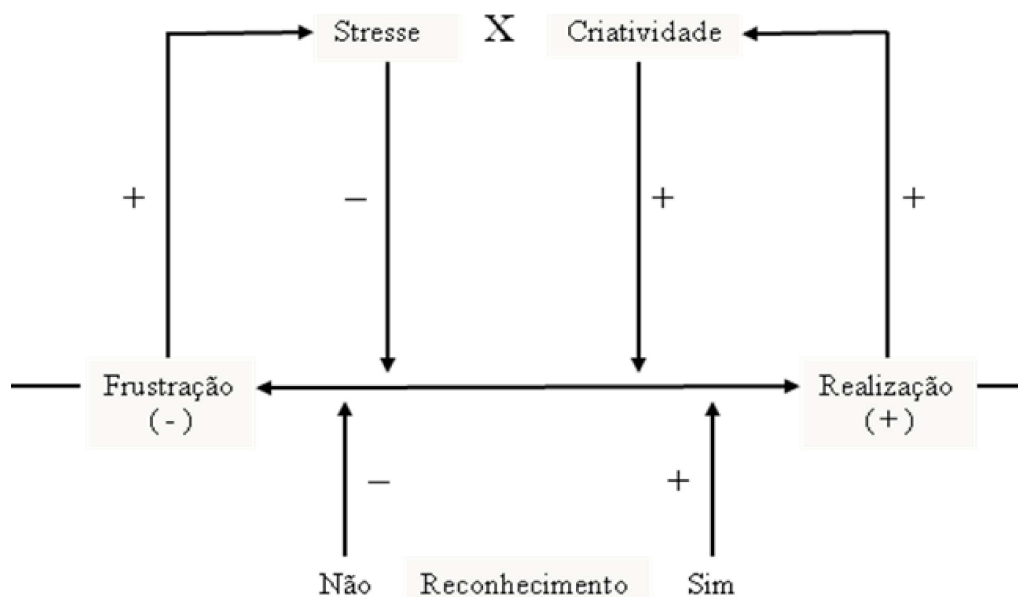


Figura 2: Modelo do impacto do reconhecimento do artista sobre os seus níveis de stresse e de criatividade

Neste modelo consideramos que o stresse e a criatividade interagem, podendo algum stresse ser positivo para a criatividade do artista e podendo a criatividade contribuir para responder adequadamente às exigências que estão na base do seu stresse. O equilíbrio nesta relação tem implicações positivas no sentido da realização do artista, mas um desequilíbrio pode ter consequências negativas.

Propomos um contínuo entre um pólo positivo que se traduz numa maior realização do artista e, ao contrário, um pólo negativo que se reflecte na sua frustração. A realização do artista “alimenta” a sua criatividade, enquanto a frustração se pode repercutir num maior stresse. Enquanto a realização do artista pode permitir o seu bem-estar e saúde mental, a manutenção do artista num estado de frustração pode levar ao desenvolvimento de doenças de foro mental e, inclusivamente, ao suicídio.

No entanto, isto não é um processo meramente interno do funcionamento mental do artista, sendo fundamental o reconhecimento social que é feito do seu trabalho para a sua realização profissional.

Tínhamos já referido que os estudos experimentais que procuraram avaliar a influência do stresse sobre a criatividade utilizaram sobretudo o stressor ameaça da avaliação social. O receio de poder ser avaliado negativamente pelos outros ou a falta de reconhecimento em relação ao trabalho artístico produzido é realmente um aspecto que pode ter um impacto muito negativo na vida profissional de um artista, traduzindo-se no seu isolamento e frustração.

Por seu turno, o reconhecimento público ou social do trabalho produzido pelo artista suporta a sua realização profissional e pode contribuir para uma maior motivação criativa.

Embora tenham sido realizados vários estudos sobre a criatividade na produção artística, os resultados não têm sido conclusivos e as amostras utilizadas nos estudos

realizados até ao momento eram constituídas por sujeitos da população em geral, pelo que futuras investigações devem ser conduzidas especificamente junto de artistas e ter um carácter não apenas experimental, mas também correlacional e longitudinal, analisando o impacto das potenciais situações de stresse na criatividade da produção artística, na vida real dos artistas, tendo em conta o impacto que as variáveis mediadoras podem ter para compreender esta relação, em particular o reconhecimento social do trabalho realizado pelos artistas, conforme sugerimos no modelo proposto.

Referências

- Abreu, M. V. (1991). *Mário de Sá-Carneiro na Universidade de Coimbra*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Alves, M., Chor, D., Faerstein, E., Lopes, C., & Werneck, G. (2004). Versão resumida da “job stress scale”: adaptação para o português. *Rev Saúde Pública*, 38 (2), 164-171.
- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in context*. Boulder, CO: Westview Press.
- Amabile, T. M., Goldfarb, P., & Brackfeld, S. C. (1990). Social influences on creativity: Evaluation, coaction and surveillance, *Creativity Research Journal*, 3, 6-21.
- Andersen, K., Hawgood, J., Klieve, H., Kolves, K., & De Leo, D. (2010). Suicide in selected occupations in Queensland: evidence from the State suicide register. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 44, 3, 243-249.
- Araújo-Jorge, T. (2004). *Ciência e Arte. Encontros e sintonias*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio.
- Baer, J. R. (1998). Gender differences in the effects of extrinsic motivation on creativity, *Journal of Creative Behavior*, 32, 18-37.
- Baer, M., Oldham, & G. R. (2006). The curvilinear relation between experienced creative time pressure and creativity: Moderating effects of openness to experience, *Journal of Applied Psychology*, 91 (4), 963-970.
- Bandura, A. (1977). Self-Efficacy: Toward a Unifying Theory of Behavioral Change. *Psychological Review*, 84, 191-215.
- *Barker, E. (2006). The artist within. *Natural Health*, 36 (19), 98-99.
- Barling, J., Kelloway, E., & Frone, M. (2005). *Handbook of work stress*. London: SAGE Publications.
- Barnes, R. (2009). *Salvador Dalí*. London: Quercus Publishing.
- Bloom, B. S. (1985). *Developing talent in young people*. New York: Ballantine.
- *Bower, H. (1989). Beethoven’s creative illness. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 23 (1), 111-116.
- Brown, D. (2000). *Arteterapia*. São Paulo: Vitória Régia.

- Byron, K., & Khazanchi, S. (2011). A meta-analytic investigation of the relationship of state and trait anxiety to performance on figural and verbal creative tasks, *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37 (2), 269-283.
- Byron, K., Khazanchi, S., & Nazarian, D. (2010). The relationship between stressors and creativity: A meta-analysis examining competing theoretical models, *Journal of Applied Psychology*, 95 (1), 201-212.
- Coelho, F., Augusto, M., Lages, L. F. (2011). Contextual Factors and the creativity of frontline employees: mediating effects of role stress and intrinsic motivation, *Journal of Retailing*, 87 (1), 31-45.
- Cohidon, C., Santin, G., Geoffroy-Perez, B., & Imbernon, E. (2010). Suicide and occupation in France. *Revue D Epidemiologie Et De Sante Publique*, 58, 2, 139-150.
- Cooper, C., Dewe, P., & O'Driscoll, M. (2001). *Organizational Stress. A review and critique of theory, research, and applications*. London: SAGE Publications.
- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention*. New York: Harper Collins.
- Daley, T. (1984). *The Art as Therapy: General survey of art therapy in different contexts*. London: Tavistock.
- Davis, G. A. (1992). *Creativity is forever*. Dubuque: Kendall/Hunt.
- Deci, E. L. (1975). *Intrinsic Motivation*. New York: Plenum Press.
- Deci, E., & Ryan, R. (1991). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- Dickerson, S. S., & Kemeny, M. E. (2004). Acute stressors and cortisol responses: A theoretical integration and synthesis of laboratory research, *Psychological Bulletin*, 130 (3), 355-391.
- Drevdahl, J. E., & Cattell, R. B. (1956). Personality and creativity in artists and writers. *Journal of Clinical Psychology*, 12, 408-411.
- Elsback, K. D., Hargadon, A. B. (2006). Enhancing creativity through mindless work: A framework of workday design, *Organization Science*, 17, 470-483.
- Exner, J. E. (2007). *Manual de codificación del Rorschach para el sistema comprensivo*. Madrid: Psimática
- Eysenck, H. J. (1995). Creativity as a product of intelligence and personality. In D. H. Saklofske & M. Zeidner (Eds.), *International handbook of personality and intelligence* (pp. 231–247). New York: Plenum Press.
- Fehm, L., & Schmidt, K. (2006). Performance anxiety in gifted adolescent musicians. *Anxiety Disorders*, 20, 98-109.
- Feist, G. J. (1998). A meta-analysis of personality in scientific and artistic creativity. *Personality and Social Psychology Review*, 2, 290-309.

- Figuroa, G. (2005). Virginia Woolf: Enfermedad mental y creatividad artística. *Rev Méd Chile*, 133, 1381-1388.
- Freud, S. (1971). *L'interprétation des rêves*. Paris: P.U.F.
- Gardner, D. G. (1986). Activation theory and task design: An empirical test of several new predictions, *Journal of Applied Psychology*, 7 (3), 411-418.
- Holden, C. (1987). Creativity and the troubled mind. *Psychology Today*, 21, 4, 9-10.
- *Holm-Hadulla, R., Roussel, M., & Hofmann, F. (2010). Depression and creativity – The case of the german poet, scientist and statesman J. W. Goethe. *Journal of Affective Disorders*, 127, 43-49.
- Jesus, S. N. (1988). Sono: em busca de criatividade... *Revista Universitária de Psicologia*, 1, 3-7.
- Jesus, S. N. (2007). Psicologia da Criação Poética. Busca e projeções da identidade em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. In S. N. Jesus (Ed.), *De Corpo e Alma* (pp. 51-63). Faro: Fundação para o Desenvolvimento da Universidade do Algarve.
- Jesus, S. N., & Lens, W. (2005). An integrated model for the study of teacher motivation. *Applied Psychology: An International Review*, 54 (1), 119-134.
- Jesus, S. N., & Rus, C. (2011). Stress and creativity related to artistic production: A quantitative review. In M. Milcu (Ed.), *Modern Psychology Research: Quantitative research vs. Qualitative research?* Sibiu: Editura Universitară
- Jesus, S. N., Rus, C., Lens, W., & Imaginário, S. (2011). Creativity and Intrinsic Motivation. A meta-analysis of the studies between 1990-2010. *Creativity Research Journal (submitted for publication)*.
- Kaufman, J. C. (2003). The cost of the muse: Poets die young. *Death Studies*, 27, 9, 813-821.
- Kaufman, J. C., & Sexton, J. D. (2006). Why doesn't the writing cure help poets? *Review of General Psychology*, 10 (3), 268-282.
- *Kohanyi, A. (2005). Four factors that may predict the emergence of creative writing: A proposed model. *Creativity Research Journal*, 17 (2), 195-205.
- Kposowa, A. (1999). Suicide Mortality in the United States: Differentials by industrial and occupational groups. *American Journal of Industrial Medicine*, 36, 645-652.
- Landon, P. B., & Suedfeld, P. (1972). Complex cognitive performance and sensory deprivation: Completing the U-curve, *Perceptual and Motor Skills*, 34, 601-602.
- Langendörfer, F., Hodapp, V., Kreutz, G., & Bongard, S. (2006). Personality and performance. Anxiety among professional orchestra musicians, *Journal of Individual Differences*, 27, 162-171.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.

- LePine, J. A., Podsakoff, N. P., & LePine, M. A. (2005). A meta-analytic test of the challenge stressor-hindrance stressor framework: An explanation for the inconsistent relationships among stressors and performance. *Academy of Management Journal*, 48, 764-775.
- Ludwig, A. (1992). Creative achievement and psychopathology: Comparison among professions. *American Journal of Psychotherapy*, 46 (3), 330-356.
- Marchant-Haycox, S., & Wilson, G. (1992). Personality and stress in performing artists. *Personality and Individual Differences*, 13 (10), 1061-1068.
- Maslow, A. H. (1968). *Toward a psychology of being*. Princeton: Van Nostrand Reinhold.
- Meltzer, H., Griffiths, C., Brock, A., Rooney, C., & Jenkins, R. (2008). Patterns of suicide by occupation in England and Wales: 2001-2005. *British Journal of Psychiatry*, 193 (1), 73-76.
- Monreal, C. (2000). *Qué es la creatividad*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- *Monroe, R. (1978). The episodic psychoses of Vicent Van Gogh. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 166 (7), 480-488.
- Morais, M. F. (2001). *Definição e avaliação da criatividade*. Braga: Universidade do Minho.
- *Nelson, B., & Rawlings, D. (2010). Relating schizotypy and personality to the phenomenology of creativity. *Schizophrenia Bulletin*, 36 (2), 388-399.
- Nuttin, J. (1984). *Motivation, planning, and action. A Relational Theory of Behavior Dynamics*. Leuven & Hillsdale, NJ: Leuven University Press & Erlbaum.
- Orwoll, L. (1997). *Childhood antecedents and personality correlates of artistic creativity*, PhD Dissertation, The Union Institute Graduate School, Cincinnati.
- Papworth, M. A., & James, I. A. (2003). Creativity and mood: Towards a model of cognitive mediation. *Journal of Creative Behavior*, 37 (1), 1-16.
- Papworth, M. A., Jordan, G., Backhouse, C., Evans, N., Kent-Lemon, N., & Morais, J. (2008). Artists' vulnerability to psychopathology: Towards an integrative cognitive perspective. *Journal of Creative Behavior*, 42 (3), 149-163.
- Pascoal, I. (1992). *Fernando Pessoa. Antologia Poética*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- Pearson, D., & Thackray, (1970). Consistency of performance change and autonomic response as a function of expressed attitude towards a specific stress situation, *Psychophysiology*, 6, 561-568.
- Prentky, R. (1989). Creativity and Psychopathology. In J. Glover, R. Ronning, & C. Reynolds (Eds.), *Handbook of Creativity*. New York: Plenum Press.
- Preti, A., De Biasi, F., & Miotto, P. (2001). Musical creativity and suicide. *Psychological Reports*, 89 (3), 719-727.
- Ravicz, S. (1998). *High on stress*. Oakland, CA: New Harbinger Publications.

- Rihmer, Z., Gonda X., & Rihmer, A. (2006). Creativity and mental illness. *Psychiatr Hung*, 21 (4), 288-294.
- Root-Bernstein, R. (1999). *Centelhas de génios: como pensam as pessoas mais criativas do mundo*. São Paulo: Nobel.
- Rotter, J. (1982). *The development and applications of Social Learning Theory*. New York: Praeger.
- Rothenberg, A. (1990). *Creativity and madness*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Runco, M. A., & Bahleda, M. D. (1986). Implicit theories of artistic, scientific, and everyday creativity. *Journal of Creative Behavior*, 20, 93-98.
- *Schildkraut, J. (1994). Artists are tougher than other people. *New York Times*, 5, 28.
- Seligman, M. & Csikzentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55 (1), 5-14.
- Serra, A. V. (2007). *O Stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Minerva.
- Shaham, Y., Singer, J., & Schaeffer, M. (1992). Stability/instability of cognitive strategies across tasks determine whether stress will affect judgmental processes. *Journal of Applied Psychology*, 22, 691-713.
- Stack, S. (1996). Gender and suicide risk among artists: A multivariate analysis. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 26 (4), 374-379.
- *Steptoe, A. (1998). Mozart: Resilience under stress. In A. Steptoe (Ed.), *Genius and Mind: Studies of creativity and temperament* (pp. 141-164). New York: Oxford University Press.
- Sternberg, R. J. (1988). *The nature of creativity*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- Van Dyne, L., Jehn, K. A., Cummings, A. (2001). Differential effects of strain on two forms of work performance: Individual employee sales and creativity, *Journal of Organizational Behavior*, 23, 57-74.
- Vigotski, L. (1972). *Psicología del Arte*. Barcelona: Barral.
- Voracek, M. (2006). Smart and suicidal? The social ecology of intelligence and suicide in Austria. *Death Studies*, 30 (5), 471-485.
- Weiner, B. (1986). *An Attributional Theory of Motivation and Emotion*. New York: Springer-Verlag.
- *Wolf, P. (2010). Hector Berlioz and other famous artists with opium abuse. *Frontiers of Neurology and Neuroscience*, 27, 84-91.

